

Excerto traduzido do livro

Ulrich Peltzer
Teil der Lösung
Ammann Verlag
Zürich 2007
ISBN 978-3-250-60113-5

pp. 49 - 56
pp. 304 - 311

Ulrich Peltzer
Parte da solução

Traduzido por Kristina Michahelles

Pouco antes de o dia raiar, a avenida Kottbusser Damm estava deserta – apenas um carro de vez em quando, dois táxis vazios, uma máquina de varrer ruas com duas escovas girando, o ruído delas arrastando no asfalto se perdia lentamente em direção sul. A maior parte das placas luminosas nas lojas estava apagada, apenas o letreiro de néon da agência de viagens *Türk Hava Yollary* ainda ardia vermelha como fogo e, do outro lado da rua, outro de um editor de livros aberto noite e dia, *Megabet. de*. Uma vitrine cheia de papéis colados em várias camadas, arrancados e novamente colados, por toda parte panfletos convidando para uma manifestação contra um encontro de neonazistas em Lichtenberg – em turco e em alemão, um raio que partia uma suástica em vários pedaços, compreensível para qualquer um, sem dar margem a outras interpretações. Ela tentou manter a tranqüilidade, respirar calmamente, enquanto repassava mentalmente a operação pela última vez. Nada muito chamativo, nada que rendesse manchetes nos jornais, mas, de qualquer modo, um bom começo. Ela saiu do recuo ao lado da vitrine e olhou rapidamente à sua volta para ver se já havia gente a caminho do trabalho, prestes a recolher e reciclar lixo, arrumar cartas nos escaninhos. Uma lufada de vento mexeu farfalhante as páginas de um jornal a seus pés na calçada, esfriou seu rosto esfogueado. Não havia viv'alma, nem um bêbado saindo cambaleante de um bar. Ela afastou um pouco a alça da sua bolsa que repentinamente começara a machucá-la, em seguida voltou a amarrar o lenço fino de algodão no pescoço, ajeitando-o dentro do colarinho de sua jaqueta jeans esfarrapada descoberta na véspera dentro de uma caixa cheia de tralha no corredor, quando ela procurava uma roupa neutra, uma Levis entre milhões de outras. Avançando a passos nem muito rápidos, nem muito lentos, manteve-se vigilante, sem perder nada de vista – mas não havia nada que preocupasse, nenhum entregador de jornal, ninguém insone na rua com seu cão insone. Ela olhou para o relógio, onde a data ainda não tinha pulado para o novo dia, faltavam dois minutos para a meia-noite, conforme fora combinado e repassado tantas vezes. Os dois outros deviam estar atrás na plataforma do trem, executando com manobras iguais e espelhadas a mesma ação, separando-se depois de menos de cem segundos cronometrados. Quanto mais ela se aproximava da escada do metrô da Schinkestrasse, mais o seu coração disparava, mais pesados se tornavam os seus passos. Não posso parar, pensava, preciso seguir normalmente, tudo isso não passa de imaginação. Há compromissos que devemos honrar, interesses e objetivos de força maior. Ela respirou fundo e seguiu seu caminho até o andar intermediário, cujo teto baixo era sustentado por quatro pilares. Tudo era ladrilhado, de um verde esmaecido que não ficava muito mais claro por causa das paredes cinzentas, a luz fraca dos tijolos de vidro. Tabuletas para cartazes sem cartazes, pixações, um telefone público emporcalhado. Um silêncio em que dava para ouvir os próprios pensamentos, um exército inteiro de pensamentos na cabeça. Quando ouviu que alguém vinha subindo pela escada, ela estremeceu, mas em seguida constatou, aliviada, que era Holger metido em seu abrigo de nylon preto e segurando uma mochila que jogou nas costas sem parar de caminhar. Um beijo sem palavras, um abraço rápido. Ela abriu a bolsa com a cola e a matriz de cartolina.

“Maravilha”, disse Holger. “Ninguém ali em baixo”.

“Você chegou faz tempo?”

“Vim no primeiro trem, agora mesmo.”

Ele procurou alguma coisa na mochila, pegou um celular, discou um número, escutou com a boca semi-aberta. Em seguida, murmurou alguma coisa e acenou com a cabeça para ela. Voltou a guardar o equipamento, assim como o outro, desapareceu do outro lado da estação. Movimentos sincronizados.

“Prontos”, disse ela, sem deixar claro se aquilo era uma pergunta ou um convite.

“Vai você primeiro”, disse Holger, enquanto lhe entregava uma lata de spray e recolocou a mochila nas costas. “No último degrau eu te levanto.”

Em seu peito, uma pedra que martelava e pulsava, quase a sufocava. É apenas um ato simbólico, pensou ela, sinais em equipamentos. Uma espécie de prova, uma pontada de agulha. Ela esticou o braço esquerdo até alcançar o ressalto onde ficava a virada para os trilhos. Agarrou-se ao ressalto como se fosse pular, ganhar impulso para um longo salto até a plataforma.

“Pronto?”

“Pronto”, disse ela, baixinho. Holger a sustentou agarrando-a na altura das coxas, ela destampou a lata. E lá estava ela no ar, pressionando o ventil direcionado sobre a câmara na entrada do túnel. A câmara que pegava todos os que tocavam na tela da máquina de bilhetes para o metrô. Acompanhada apenas pelo ruído do spray ela encheu a lente de uma espessa camada de tinta, até cobri-la completamente. Ninguém seria capaz de ver mais nada no vídeo, apenas um caos no disco rígido. Ela saltou ao chão e entregou a matriz de cartolina para Holger, destampou o tubo de cola adesiva instantânea. O seu nervosismo cessara repentinamente. Enfiou a ponta do tubo na abertura para moedas na máquina, espremendo dentro dela a metade do conteúdo, o resto foi para o lugar destinado às cédulas, o tubo vazio pela metade voltou para a bolsa. Enquanto seu companheiro segurava a matriz com a mão bem espalmada contra o metal, ela preencheu as partes vazias, uma seqüência de letras meticulosamente recortadas na cartolina com uma lâmina afiada: *Você ainda usa o metrô ou já anda a pé? Tarifa zero para os transportes públicos!* E, em seguida, dois grossos traços vermelhos diagonalmente por cima do monitor.

Do outro lado da estação eles já deviam ter feito a mesma coisa, não se via nada ao longo da comprida plataforma deserta entre os trilhos. Ninguém descendo da rua para a estação.

“Então tchau”, disse Holger.

Na escada, ela guardou a cartolina e a lata de spray na bolsa a tiracolo, amarrando-a bem e sorriu para ele. Sentiu-se eufórica, tudo correria perfeitamente bem. A seguir, o próximo capítulo. No andar intermediário ele apontou para as duas saídas, à esquerda e à direita, como se ainda tivessem alguma escolha. Como se não houvessem planejado cuidadosamente cada detalhe, ele ali e ela aqui, ela em sua bicicleta da Schinkestrasse até o canal, ele em seu patinete na outra direção, Hasenheide e Südsterm.

“Hoje à noite”, disse ela. “Bebida”.

“Muita bebida. Às oito” – e ele desapareceu.

Enquanto ela corria escada acima, o cheiro de solvente subiu em suas narinas, em suas mãos havia restos de tinta, manchas vermelhas na jaqueta. Ela a jogaria fora, eliminando todo e qualquer vestígio com água e algodão. Tomaria um bom banho, iria para o trabalho ao meio-dia. Apesar do calçamento de paralelepípedos, ela não ficou na calçada com sua bicicleta, mas permaneceu na pista de rolamento, nunca se sabe, podia haver dois policiais entediados em sua viatura. Como ela gostaria de estar escutando música agora, *Song for the deaf* dos Queens of the Stone Age ou algo bem barulhento de Skunk Anansie. Na ponte Ohlauer Brücke, a oeste, dava para ver uma faixa de céu cor de rosa por sobre as copas das árvores, o sol estava abaixo da linha do horizonte, devia surgir a qualquer momento. Calor e luminosidade forte, como ela adorava isso! O mar, os lagos em sua pátria.

A lata de café espresso estava vazia. Claro que também não tinha mais leite na geladeira. Na véspera, Christian já suspeitara que isso iria acontecer. A lista de compras estava sobre a mesa, intocada. Espresso, leite, salaminho e torradas – era mais do que ridículo ter que anotar aquilo para, logo em seguida, esquecer. Ele foi até o banheiro e viu a ferida acima da sobrancelha, um pequeno corte que estaria sarado em três ou quatro dias. Quem iria acreditar que ele topara com uma porta aberta dentro de casa? Era tão pouco crível quanto contar que ele enfrentara um bando de *skinheads* na estação de Fürstenwalde ou algum outro ato de heroísmo do gênero. Ele tomou uma ducha, fez a barba, colocou um esparadrapo no corte. A seguir, passou de um cômodo a outro, fumando, como se estivesse procurando alguma coisa, até finalmente recolher suas coisas que estavam espalhadas, agenda, celular, dinheiro, enfiar uma camisa branca recém-lavada na calça do paletó e sair, o casado dobrado no braço, os cabelos ainda molhados.

De manhã, o bairro ficava quase deserto, nada lembrava a agitação que reinava ali até de madrugada. Como se não houvesse outro lugar na cidade onde o desejo de fama pudesse ser aplacado depois dos quinze minutos transitórios. Christian cruzou a Eberswalde Strasse empurrando sua bicicleta e depois voltou a pedalar, sem usar as mãos, descendo a Kastanienallee por entre os trilhos do bonde e os carros estacionados. Nos bares estavam limpando as mesas, juntando o lixo, a vendedora da loja de flores Blume 2000 fazia arranjos na vitrine. Pelo menos olha para a rua quando você anda sem pôr as mãos no guidão, escutou uma voz lhe dizendo. Simone quebrara um dente ao enfiar o pneu dianteiro da bicicleta no trilho do bonde na altura de Hackescher Markt. Ela caíra e lhe telefonara chorando, mas ele não ocorrera para lhe ajudar. Não pudera sair porque estava reunido com um cliente que lhe fazia uma proposta irrecusável, 2500 euros para um folder de turismo sobre a região de Uckermark. Christian fora para lá algumas vezes com Jakob e Severine a fim de conhecer a paisagem, fazer algumas fotos e comer num restaurante local. No texto se ativera a guias de viagem e a um material antigo da Biblioteca Municipal de Berlim, reescrevendo jeitosamente, até chegar a um

resultado que o chefe do Serviço de Turismo chamou de “redondo”. Provavelmente nem ele reconhecera aquele lugar, paraíso dos *spas* às portas da metrópole.

O Letscho ficava num nível mais alto do que a calçada. Era um barzinho minúsculo com um terraço em cujo parapeito verde-musgo alguém escrevera com letras brancas LOVE GANG.

Pelo jeito, Christian era um dos primeiros clientes. Os jornais ainda estavam intocados. Não havia migalhas nas duas mesinhas altas do lado de fora. Espresso duplo, *croissant* com gergelim e passar os olhos nas manchetes. Massas sem motivação, os empresários já viam despontar no horizonte os cavaleiros do apocalipse. Para não estragar seu café da manhã, ele abriu a página esportiva e se entregou à factualidade das tabelas, à ação benfazeja dos resultados dos campeonatos, gols marcados, escalações de equipes.

“Ei!”

Quem saiu do banco de reservas em que momento, quem acertou na trave, quem errou. O drama de um encontro expresso em números frios, um ente numérico. Uma superioridade em campo representada pelos tiros de meta.

“Ei, você aí!”, escutou novamente a voz de uma mulher metida em roupa preta desbotada na calçada com uma sacola de plástico cheia de objetos retangulares. “Quer livros?”

Christian fez que não com a cabeça. Onde ela teria roubado aquilo?

“Tudo novinho em folha”, continuou ela naquele tom de voz oleoso dos viciados em drogas e tentou, cambaleante, tirar um dos livros da sacola.

“Pode deixar, estou bem.” Como se suas palavras chegassem até ela em câmera lenta, ela se abaixou antes de voltar a se erguer lentamente. Olhou para ele como se estivesse obnubilada por um véu. Ele deu de ombros.

“Lamento.”

“Alguma coisa para comer?”

Como responder? Dar-lhe o restante do *croissant*?

“Me dá alguns centavos de marco, também já ajudam.”

Ela dissera centavos de marco? Possivelmente ela parara no tempo, não conseguira mais encontrar a saída. Depois de entregar um euro para a mulher, ela agradeceu com um gesto desleixado e saiu arrastando o chinelo pela Oderberger Strasse.

O dia prometia calor, nenhuma nuvem no céu.

O lago de Griebnitz, pensou Christian, uma enseada gostosa, mangue, bebida gelada.

Num lago, acompanhado de uma mulher deitada numa toalha, aquele cheiro de protetor solar misturado a suor e pele e água. Algo assim. Ele tentou se lembrar da última vez em que fora à praia. Pode ter sido com Carolin, foi numa semana meio chuvosa em Hiddensee que acelerara o final da relação. Tudo errado, desde o início, mesmo com um tempo tão lindo quando este. Expectativas de vida incompatíveis, amizade possível – na melhor das hipóteses era assim. Ele comeu o resto do

croissant e tomou o último gole da xícara, agitando-a para dissolver o açúcar. Acender um cigarro, ir ao trabalho.

[...]

Depois de sua volta de Kassel (ida de trem, volta de trem) ele ligara imediatamente para ela, mas Nelly se mostrara muito reservada. Ao telefone, ela não dera a impressão de estar morrendo de alegria. Alegria de saber dele, de falar com ele, escutar seus relatos. Embora Christian não fosse nada insistente, não dissera que gostaria de vê-la, não perguntara se ela queria ir ao cinema, teatro, a um bar, amanhã, depois de amanhã, segunda-feira. Era como se ela estivesse imersa em pensamentos, em regiões pouco acessíveis com as quais estava muito mais ocupada do que com ele. Ele perguntou se ela estava indo bem no trabalho – sim, tudo bem – se ela estava sentindo aquilo como uma desagradável intromissão – não, nada disso – se ele era melhor ligar mais tarde – sim, talvez, pode ser.

Ele engoliu a decepção (dá para experimentar) e se sentou à mesa. O romance, capítulo nove. Como escrever sob uma saraivada de imagens que não têm nada a ver com a ação, com a planta da cidade na parede, as últimas linhas no arquivo aberto? (homem se masturbando em Kottbusser Tor e palitando os dentes com uma chave de fenda). Ele examinou a pilha de CDs, incapaz de se decidir por um deles. Leu em voz alta o que estava na tela, *page up*, *page down*, começou a jogar paciência. Inútil, era impossível apagar o seu rosto, a sua boca, o seu olhar, aquela noite no canal, a noite no parque. Quando Christian começou a jogar *Mine sweeper*, o celular tocou. Ele olhou para o visor sem a menor expectativa, mas saltou da cadeira, um N maiúsculo, N de Nelly, de rouquidão, N como se ele subitamente tivesse um problema de voz e apenas pudesse sussurrar, oi.

“Sou... sou eu”, disse ela, hesitante.

“Sei.”

“Eu...fui chata agora há pouco.”

“Bobagem.”

“Não, fui chata. Eu estava tão...”

“Eu... te atrapalhei no trabalho.”

“Você... não, nada a ver.”

“Desculpa, não era a minha intenção.”

“O que você está fazendo agora?”

“Agora? Nada, eu...”

“Sério?”

“Sério.”

“É que... você pode... você pode vir até aqui?”

“Eu... eu poderia, qual é o número do teu prédio?”

“Quarenta e seis.”

“De metrô...”

“À esquerda da casinha no jardim.”

“Meia hora.”

“Segundo andar.”

“No máximo.”

“Tudo bem.”

“Eu estou...”

“Vem logo.”

A porta do apartamento estava encostada, quando Christian a fechou, Nelly saiu do quarto ao fundo (de onde vinha a música) e o abraçou ali mesmo, beijou-o, e Christian beijou Nelly, abraçando-a apertado (assim como ela o apertava contra si), em algum momento Nelly parada em uma só perna porque erguera a outra até a sua coxa, ele abraçou o seu traseiro que ela pressionava contra ele, seus cabelos em seu rosto, o gosto dela em seus lábios, doce cuspe na boca, balançando em três pernas aparados pela parede do corredor, um puxa-e-estica de gravidade e prazer, calças e camisas, alças e fundilhos, que ficavam no caminho ao quarto como bolos de roupa, caminho que passava por carpetes que arranhavam, livros, papéis espalhados, travesseiros, lençóis, um mundo que girava com o peso do seu corpo sobre o seu peito, seu braço preso e o seu corpo no dela, uma das suas pernas, a outra dobrada, pontas dos dedos, unhas, barrigas, elevações de pede, línguas molhadas, mucosas.

Tempo sem tempo, sua mão sobre a nuca dela na extremidade da cama, os punhos dela em seus ombros, L's encaixados sentados e caindo para o lado, voltando a ficar junto, separando-se um pouco mais tarde, gemendo, para colocar a camisinha que Nelly tirou de uma caixinha de madeira no chão, continuaram, mas não por muito tempo, pois pararam de se mexer, olhando um para o outro (como que obedecendo a um comando qualquer), sem se mover, um olhar de surpresa e horror, pânico e volúpia, atrás de um véu de suor, não pararam mais de olhar um para o outro ao fazerem o que estavam fazendo agora, Christian com Nelly e Nelly com Christian, até não agüentarem mais, nem ele nem ela, até sua excitação se tornar uma seqüência de sílabas sem sentido, o nome de Nelly e o nome de Christian, um balbuciar que lentamente foi se transformando em palavras carinhosas, como ela era bonita, meu amor – dois corpos trêmulos na roupa de cama ensopada, entrelaçando-se com braços e pernas. De repente, ambos abriram um sorriso, quando ele quis dizer alguma coisa, ela mordiscou seus lábios. Portanto, ele colocou a mão ali embaixo em silêncio, fechando seu punho em volta da camisinha, ainda firme, nada havia escorrido.

“Bom garoto”, disse ela, rindo.

“Também acho.”

“Deixa ele ali dentro.”

“O quanto eu puder.”

“Dá?”

“Não por muito tempo.”

“Estou com fome.”

Ela afastou o cabelo da testa com a mão.

Nelly se deitara sobre ele, seu seio macio em suas costelas.

“Aii...”

Christian tirou o braço e jogou o preservativo ao lado da cama.

“O que você tem para comer?”

Fazendo um biquinho, como se tivesse que pensar muito:

“Pizza congelada?”

“É o meu prato preferido.”

“Acertei, então.”

“A pergunta decisiva é: quem coloca ela no forno.”

“Você?”

“Então vou me levantar desse colchão. É um colchão ou uma tábua de madeira?”

“Em primeiro lugar, quanto mais duro melhor para a coluna, e em segundo lugar, vamos cozinhar juntos.”

“Tudo bem, vamos cozinhar pizza”, disse Christian.

Nelly beijou sua omoplata. Levantou-se e lhe estendeu a mão: “Vem comigo.”

Nos fundos do quarto, um pedaço de parede demarcava um espaço estreito para dormir, ali havia uma cama e um guarda-roupa da cadeia de móveis Ikea, no chão um jornal lido, alguns livros, uma bandeja com um prato cheio de migalhas, um vidro de geléia, uma caneca de café. O quarto não era muito grande, mobiliado apenas com o mínimo necessário, em baixo das janelas que davam para o quintal, uma velha escrivaninha de madeira, sobre ela, várias pilhas de papel e um laptop, livros abertos, um *headphone*, do outro lado duas poltronas baixinhas dos anos 60 e uma mesa de centro (com mais uma caneca de café e um prato vazio), à esquerda uma prateleira cheia de livros e outras tralhas, à direita uma série de fotos que ela pregara na parede.

De mãos dadas, passaram por cima de um monte de roupa, camisas, o seu sutiã e foram até o corredor, onde, no nicho do relógio de gás e de eletricidade, reencontraram os seus óculos.

Nus de óculos. De óculos nada disso teria acontecido, pensou Christian, sem lembrar de onde vinha essa expressão. Seria um ditado antigo? E o que exatamente não teria acontecido? Nelly (nua, de óculos) tirou uma pizza da embalagem e a colocou no forno, depois regulou a temperatura. E se acorou de costas no colo de Christian, sentado numa das duas cadeiras pretas. Ele a abraçou por trás, seu seio levemente inchado por baixo de seus braços. Um odor de suor e secreção, de esforço e doação, seu cheiro era indescritivelmente bom.

Sons de metal estalando, era o forno. Estalando e gemendo como se estivesse por morrer, a última pizza, depois acabou.

“Você assistiu a isso?”

“Senão eu não teria colocado na parede”, disse Nelly.

Uma montagem da Volksbühne, um cartaz em branco e preto de um bangalô iluminado por dentro, silhuetas no interior, *O Idiota*. Ao lado do cartaz havia postais, vistas de cidades, montanhas, o mar e praia. Quem escreve para ela? E o que lhe escrevem? Querida Nelly, sinto a tua falta aqui em Roma, querida Nelly, sabe que você me enlouquece, querida Nelly, te mando mil beijos do belo Engadin, Robert(a) . Ele beija a sua nuca, ela abaixa a cabeça. Querida Nelly, transar contigo é o máximo, não posso esperar a hora de te rever. Onde você quiser. Pensamentos bestas, deviam ser proibidos, da mesma forma que não se lê cartas ou postais de outra pessoa, um princípio que Christian sempre seguiu, um dos poucos que ele tinha.

“Acho que já está pronta”, disse Nelly.

“Vamos voltar para a cama?”

“Mas só com a pizza.”

“Claro.”

Ela encostou a cabeça em seu ombro e ambos voltaram a se beijar, cuidadosamente, como se nem tivessem a intenção de fazê-lo – menos de dois segundos, já estavam ardendo, Nelly ainda teve tempo de desligar o forno.

Ele duvidava de que ela falara a verdade? o seu rosto expressava que ele não acreditava tudo que ela dizia? que ela mentira quando falara do barco a vela? Eu acredito em tudo o que você diz, respondera Christian, mas Nelly saltara da cama e buscara algumas fotografias no armário, lá estava ela, de cinto salva-vidas no barco, regata, premiação, e na foto, veja, com a taça diante do barco.

“Esse troço é maior do que você.”

Uma garota loira de jeans e mocassins de vela segurando aquele monstrengo prateado e olhando orgulhosamente para a câmera.

“Eu tinha doze anos. Ou treze. Vice-campeã regional.”

“E por que não campeã?”

“Ahh ... porque a outra era imbatível na virada.”

Havia milhares de lagos, por isso se velejava, na classe infantil e juvenil. Nelly omitiu que ela tivera de parar com a vela porque era incompatível com o violoncelo, uma história ainda não resolvida, Mas ele nem perguntara nada.

Como tinham chegado a esse assunto? Impossível reconstituir, as conversas tinham escorrido por vários meandros, depois de fazer amor, uma vez, duas vezes, depois de comer uma pizza grudenta, de tomar água mineral, enquanto a música vinha voando até eles do quarto, música que soava estranhamente vazia, baixinha – *Limp Bizkit*, homens musculosos tatuados. Ela gostava daquilo, ele achava ruim? Não, mas era proibido perguntar? Não, nada é proibido.

Eram duas e meia no despertador ao lado dos preservativos enrolados.

Nelly estava com os braços por baixo do lençol e olhou para o teto.

Christian acariciou suas axilas. Pelinhos louro-escuros.

“É para eu ir embora agora?”

As pálpebras de Nelly tremeram.

“Vou sair de viagem por alguns dias.”

Sem olhar para ele.

“Muito tempo?”

“Alguns dias, eu disse. Vou visitar uma amiga.”

Ela parecia triste, mas o seu tom impedia qualquer nova pergunta, ele compreendera isso.

Ela se voltou para ele e sorriu (como se seus pensamentos e sentimentos estivessem andando de montanha russa, um *looping* sucedendo o outro).

“Vou te expulsar agora.”

Ela disse aquilo de um jeito muito carinhoso.

“Me liga quando voltar?”

“Você também pode me ligar.”

“Alguns dias.”

“Isso.”

Christian se ajoelhou no colchão duro. (bom para a coluna)

“Você me dá um beijo de despedida?”

Ele se assustou com essa palavra, não se pode usar esse tipo de palavras.

“Por hoje.”

Carinhosamente.

“Por hoje”, disse ele, com o coração disparando, inclinando-se sobre ela.